

**SÉRIE ANTROPOLOGIA**

**370**

**SOBRE MODERNIDADE,  
TRADIÇÃO E BANDEIRAS**

**Wilson Trajano Filho**

**Brasília  
2005**

**Sobre modernidade, tradição e bandeiras**

**Wilson Trajano Filho**  
**Universidade de Brasília**



As fotos que servem de mote a esse texto foram feitas em junho de 2001 no interior da ilha de Santiago, em Cabo Verde. Elas capturam instantes do cortejo da tabanca de Lem Cabral, uma longa e ritualizada marcha que essa irmandade faz rumo à residência de seu rei de agasalho, para coletar as prendas que ele oferta ao santo padroeiro dessa instituição crioula.

Se as tabancas de Cabo Verde são desconhecidas fora do arquipélago, as bandeiras das fotos não o são. O leitor médio identificará os pavilhões nacionais da Espanha e dos Estados Unidos, poderá reconhecer as marcas de clubes esportivos da Turquia e especular sobre os indivíduos especiais que as outras bandeiras remetem. E se não se trata, como de fato acontece, do absurdo etnográfico de uma instituição camponesa dos confins da ilha de Santiago homenagear entidades tão díspares como estados nacionais e clubes esportivos distantes da experiência social local, como entender a presença desses elementos no cortejo da tabanca? Rapidamente vêm à mente a resposta dos puristas e dos exploradores nostálgicos da autenticidade perdida dos outros, que tediosamente apontam-acusam para um déficit da tradição perante a modernidade: as tabancas estão a acabar, os cortejos estão cheios de elementos estranhos à cultura camponesa, já não se festeja o santo como antigamente e outros blablablás. Desconfio dessa boa-fé carola.



Essas fotos, instantes congelados no tempo, ataçam meu pensamento e o faz pensar sobre tradição, modernidade e... bandeiras — esses coloridos pedaços de pano tão presentes em nossa vida e que têm uma serventia muito variada. Veiculam uma vasta gama de significados, mobilizam gente com grande efetividade e são muito preciosos na transmissão de mensagens. Operam, num extremo, apontando perigo, sugerindo paz, demandando atenção, recomendando distância ou evitação, ameaçando agressão, pedindo silêncio, autorizando passagem, marcando perímetros, assinalando lugares, indicando direção e outras formas muitas de sinalização. Num outro, evocam emoções poderosas a favor ou contra causas, valores e idéias, criam afeições e proximidade entre quem é distante, constroem unidade onde antes havia disparidade e diferença, instauram relacionamentos, geram sentimentos de identificação e pertencimento ou de repulsa e desvinculação a comunidades de toda ordem, dos times de futebol à nação. Numa palavra, significam. E em excesso.



Bandeiras são instituições. E como tal, sua morfologia e o significado dos elementos que a compõem veiculam um sentido oficial. Assim as cinquenta estrelas da bandeira norte-americana representam os atuais 50 estados da federação e as 13 listas brancas e vermelhas, as 13 colônias originais. Na bandeira portuguesa, os sete castelos se referem às localidades mouras conquistadas por D. Afonso Henriques; as cinco quinas simbolizam os reis mouros derrotados; os cinco pontos no interior das quinas, as cinco chagas de Cristo. A esfera anilar representa o mundo expandido que Portugal deu forma nos séculos XV e XVI. E as cores verde e vermelha remetem à esperança e ao sangue heróico dos portugueses mortos

nos combates travados no processo de alargamento do mundo. Na bandeira de Cabo Verde, as dez estrelas em círculo significam as 10 ilhas do país, o círculo, a unidade da nação e as cores azul, branca e vermelha, o mar, a paz e a força dos cabo-verdianos.

Nesse nível de significação, os sentidos são veiculados pelo simbolismo das cores e pelo estabelecimento de uma relação (arbitrária) entre os símbolos materiais que a constituem e determinados acontecimentos da história da unidade representada. Os eventos históricos escolhidos são selecionados pelas instâncias de poder que regulam, nesse plano, forma e sentido. Quando a unidade representada é a nação, não é incomum que forma e sentido ganhem expressão no plano da lei e que sejam transmitidos e inculcados nos corações e mentes dos cidadãos por meio de práticas corriqueiras no interior de instituições como as escolas, quartéis e repartições públicas. Por isso chamo de oficial esse nível de significação. Os sentidos que emergem das definições oriundas da cultura do estado são predominantemente referenciais e sua legitimidade é derivada do próprio arbítrio do poder estatal. O significado oficial das bandeiras tem, no entanto, uma baixa eficácia emotiva, não sendo capaz de evocar sentimentos compartilhados intensos. Na realidade, não são poucos os portugueses que desconhecem o significado da esfera e das quinas na bandeira pátria. Não são todos os americanos que sabem, sem contar uma a uma, que sua bandeira tem 13 listas. E muitos são os cabo-verdianos para quem o simbolismo de sua bandeira é plenamente desconhecido.



O poder evocativo e mobilizador das bandeiras reside na sua capacidade de significar mais do que os sentidos referenciais veiculados com valor de lei pela cultura do estado. Não está nas cores em si, não pode ser apreendido na disposição dessas no interior do retângulo, nem pode ser encontrado nos decretos oficiais que dispõem cores, formas e significação. Pelo contrário, ele está no uso e nas histórias do uso: na mística que orienta as ações de dobrá-las e desdobrá-las, nas técnicas de fazê-las tremular, no portá-las com garbo nas competições e comemorações, no vesti-las em ocasiões de vida e de morte. É, sobretudo, durante as exibições públicas, em contextos prescritos pela cultura, que as bandeiras modulam em sintonia fina os sentimentos individuais, dando luz a turbilhões emotivos numa efervescência coletiva.

Por esta sua capacidade de significar, as bandeiras parecem ser símbolos especialmente eficazes para transformar uma coleção de identificações individuais em uma essência compartilhada e para enraizar a intensidade dos sentimentos numa tradição. A turbulência dos sentidos e a efervescência dos sentimentos são qualidades dos momentos. Porém, em razão de sua intensidade, engendram a ilusão da permanência através da qual qualidades atemporais se transformam em essências imemoriais. Ao dar, em uso, expressão

a essas qualidades, as bandeiras promulgam com o valor de verdade irrevogável a permanência ilusória inerente à essência (por definição, substantiva, única e exclusiva) do laço imemorial que une aqueles que as portam e a comunidade de sentimentos que é a nação ou time de futebol. Portanto, em uso promulgado pela cultura como tradicional, elas são veículos primorosos para a criação de comunidades de sentimento.

Retomo, portanto, a indagação original: o que acontece quando as bandeiras são usadas fora dos contextos designados pelas culturas que as produziram? Uma possibilidade óbvia é o rompimento dos vínculos entre elas e uma suposta essência e tradição. É exatamente o que acontece nos cortejos das tabancas cabo-verdianas quando, juntamente com a singela bandeira branca da associação local com as iniciais do santo padroeiro (no caso em questão, Santo Antônio) em vermelho, são observadas em uso bandeiras nacionais de outros países (tanto na versão oficial como de maneira estilizada), de times turcos como o Galatasaray e o Fenerbahçe e estandartes sincréticos nos quais se misturam ícones da cultura de massas como Michael Jackson e Bob Marley com as cores da indústria cultural, em suas versões nacionais.

No bojo de que tipo de fluxo esses objetos de procedência tão variada confluem para uma pequena localidade como Lem Cabral? Quem são os seus donos (se é que se pode usar o modelo das mercadorias para a elas se referir)? Que uso tem (além dos cortejos)? E que sentido portam (no novo contexto de uso)? Elas ali chegam trazidas pelos milhares de cabo-verdianos que vivem espalhados pelo mundo e que regularmente ou não retornam à terra natal para visitar os parentes ou para se assentar por uma temporada. Chegam então como prendas doadas aos que ficam ou como lembranças a se guardar de uma experiência passada no exterior. Na contemporaneidade dos fluxos globalizados de gente, recursos, mensagens e objetos, elas representam uma espécie de resíduo, algo cujo sentido, função e valor foram substancialmente transformados no processo de deslocamento de seu contexto de uso original para as aldeias dispersas na árida paisagem cabo-verdiana. No dia-a-dia moroso da vida local, sua função maior parece ser acionar as memórias, garantido a lembrança dos parentes que as trouxeram ou das experiências vividas na diáspora. Algumas são deixadas nos cantos livres da casa, presas a uma haste, prontas para um uso improvável

e indefinido (quem sabe, mostrar ao antropólogo de visita e falar do parente embarcado). Poucas vezes as vi exibidas nos cômodos mais sociais das residências, juntamente com porta-retratos em que se expõem fotos recortadas de revistas e uma profusão de flores de um colorido plástico, insinuando uma função decorativa a pleitear algum prestígio para a casa e seus cabeças. Raras vezes as vi guardadas e separadas com o mesmo cuidado com que se guarda a bandeira do santo (lavadas, dobradas e protegidas da ação natural e da poluição humana). De maneira geral, elas servem mais para pensar sobre o parente que a trouxe como prenda ou sobre a experiência da diáspora, do que como algo portador de uma valor intrínseco. O mais que portam de significação própria está ligado ao fato de que são consideradas bonitas pelas cores fortes que destoam de uma paisagem quase sempre monotonamente castanha.

Nos cortejos, a mistura inusitada de bandeiras nacionais diversas, de clubes esportivos distantes, de ícones de uma cultura de massa alheia e, por fim e de modo mais singelo, do santo padroeiro da tabanca não atua para assegurar a função simbólica mais básica das bandeiras que é a de sinalizar. Quando muito, indicam pela exuberância das cores (que, na versão impressa desse texto, não podem ser vistas nas fotos), em associação com o rumoroso soar da música dos tambores e búzios, que a tabanca está em cortejo. Mas seguindo ele por trilhas recurvas que cortam vales e ribeiras, onde a vista tem precário alcance e as imagens sinalizam curto, a preponderância dos signos visuais e do próprio sentido da visão refluí acabrunhada, na competição com os outros sentidos. Aqui o som ritmado e poderoso dos instrumentos musicais tem alcance mais largo, sinaliza melhor.

Certamente tal uso não arrebatou dos corações desses camponeses sentimentos primordiais de identificação com os Estados Unidos, não os torna torcedores fanáticos dispostos a brigar (ou quem sabe ir ainda mais longe) por seu time, nem os transforma em histéricos e roucos fãs de um *pop star*. Para falar a verdade, muitos deles não diferenciam as cores americanas das espanholas, e desses países têm apenas um vago vislumbre: é pra lá que foram parentes e vizinhos e é de lá que vêm histórias de sucessos e de fracassos. A referência mais precisa que têm das bandeiras esportivas é que representam times de um lugar distante e impreciso, por onde talvez tenha passado um imigrante cabo-verdiano ou,

quando muito, que são de times de onde vieram este ou aquele craque do Porto, Benfica ou Sporting. Dos ídolos *pop*, quando muito reconhecem fragmentos de nevoentas e escabrosas farsas envolvendo violência e rebeldia.

O cortejo é uma das atividades centrais nos festejos anuais das tabancas. É através dele que as comunidades locais, representadas por essas irmandades crioulas, entram em relação umas com as outras. Quando a tabanca de Lem Cabral se dirige em cortejo à casa de seu rei de agasalho, que reside em outra localidade, a cerca de duas horas de caminhada, para escoltá-lo juntamente com sua parentela e com as prendas dele recebidas à sua sede, o que de fato tem lugar é a apresentação ritual dessa comunidade por todo o percurso que a separa da localidade onde vive o seu rei. O cortejo não é outra coisa que a exibição ritual de um duplo vínculo: das pessoas com a sua comunidade e da comunidade como um todo com o seu santo padroeiro.

Durante o cortejo da tabanca a comunidade reivindica para si uma auto-imagem determinada ao mesmo tempo em que tem sua imagem construída pelas comunidades vizinhas. Os valores da ordem, representada ritualmente na fila bem ordenada com que peregrinam os membros da tabanca e pelos personagens rituais que garantem a manutenção da fila ordeira por meio de punições físicas, e da fartura são os principais elementos constitutivos da imagem da comunidade. Uma boa festa em honra ao santo e uma comunidade forte e com prestígio devem também ser caracterizadas pela lógica do excesso: os tambores e os búzios são julgados segundo o “estrondo” que produzem, a comida e a bebida usada nos cortejos e nas refeições comunais, quando a comunidade recebe o seu rei e as suas prendas, devem ser fartas e gordas e a singeleza imaculada da bandeira do santo deve ser acompanhada e complementada pela fartura de cores e de formas das bandeiras trazidas como prendas pelos cabo-verdianos que emigram. Como é próprio de uma sociedade crioula, os camponeses de Cabo Verde incorporam antropofagicamente símbolos oriundos do exterior e os ressignificam como seus.

A inusitada presença no interior camponês de Santiago desses objetos tão carregados de significação em seu contexto de origem não implica em qualquer déficit da

tradição local, como um purista exacerbado poderia ser levado a pensar. Pelo contrário, ressignificadas pela lógica da fatura, as bandeiras operam de modo conservador na veiculação dos valores locais de força e prestígio. No que têm de insólito e de moderno, elas só reforçam a tradição. Longe, portanto, de opor modernidade e tradição, as bandeiras e seu excesso nada mais fazem do que demonstrar os modos pelos quais a criouliização opera. Análogo ao caso de um músico ioruba que comentava sobre sua música tradicional, posso concluir: a tradição das tabancas deriva sua força e beleza de sua modernidade.